

I. O que é ver?

Sabemos bem o que faz de Alberto Caeiro o «mestre» dos heterónimos: o seu modo de resolver as aporias, de preencher as falhas, de soldar as fracturas que incessantemente dilaceram Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares e Fernando Pessoa «ortónimo», o não-heterónimo heteronímico.

Aquilo que em todos os outros abre e alarga a distância entre a vida e o pensamento, entre a sensação e a consciência, entre si e os outros, entre a existência e a escrita, encontra em Caeiro uma expressão tranquila e «harmoniosa». Recusando qualquer transcendência, ele vive, por assim dizer, «no plano da natureza»; aspirando à pura exterioridade, troça da metafísica e dos seus mundos «interiores»; escreve a «prosa dos seus versos» como se a poesia — a poesia «falsa» antes da sua — ainda conservasse a ameaça das profundezas literárias que ele detestava.

De onde vem essa «mestria» de Caeiro? Não deteria ele a chave da unidade, essa unidade cuja falta constitui o próprio motor das obras de Campos, Reis, Soares? Ele não é o mestre da unidade? Não se deveria considerar Caeiro o poeta do avesso do dilaceramento heteronímico, o poeta por excelência do Uno e do Mesmo?

Não me parece. Isso não o tornaria o mais original dos poetas, o cantor e o profeta do neopaganismo, o mais alto pensamento desde os gregos, aquele que conduz «ao limiar de uma nova era». Com efeito, chovem louvores sob as penas dos discípulos. Por exemplo, este comentário de Ricardo Reis, que dá o tom geral de dezenas de páginas entusiásticas: «Quando, pela primeira vez, estando então em Portugal, ouvi ler *O Guardador de Rebanhos*, tive a maior e a mais perfeita sensação da minha vida. Rolou-se-me de sobre o coração, de repente, todo o peso da nossa civilização postiça, todo o peso do cristianismo avito cuja sombra jaz sobre a nossa alma. Respirei outra vez a grandeza, a força e a singela perfeição das grandes emoções primitivas, que vinham da natureza sem datar das almas. Abriram-se-me de par em par, visualmente, as portas com que Ámon começa o dia. Senti-me diferente, como um mortal chamado ao convívio dos Deuses. E na verdade de Deuses, que não de Caeiro, era aquela obra espantosa. Nunca poderei esquecer aquela hora de imprevista iniciação em que vi, em toda a sua frescura e certeza a Natureza / natural / frente a frente.»

O próprio Pessoa parece não se refazer da surpresa de ter criado Caeiro, ou seja um *prodígio*. E de onde provém a natureza prodigiosa de Caeiro? Do facto dele ser um poeta da diferença, e mesmo da diferença absoluta, «nela mesma», não-relativa; o que paradoxalmente lhe vai permitir escapar às oposições e tensões que, aparentemente, exigiam unidade. Pois ele não resolve essas contradições: coloca-se aquém do seu campo (que é o do pensamento). Mais precisamente: é uma certa ontologia da diferença que o leva a ultrapassar todos os obstáculos do pensamento tradicional da separação.

Se Caeiro escapa às aporias da «velha» metafísica, é porque ele não pensa como os outros: não pensa especulativamente, não pensa nem mesmo com os olhos (órgãos empíricos). O princípio primeiro da sua «filosofia» — e da sua

prática — pode ser assim enunciado: é preciso simplesmente ver. Ou ainda: basta ver.

Mas como ver não é um acto natural para esse ser artificial em que o homem se tornou, ver sem artifício requer um grande esforço, e talvez toda uma ciência. Caeiro é o único ser humano capaz de ver naturalmente, sem esforço. Todos os outros precisam de aprender a ver. Aprender a desaprender, como escreve Caeiro, para se ter acesso a uma visão espontânea e natural. Isso não equivaleria, de algum modo, a retornar à infância, à frescura e à ingenuidade primeiras do olhar infantil?

De facto, há no mestre referências constantes à infância, e sobretudo nos discípulos quando falam do mestre. Tanto que a visão infantil do mundo aparece como o modelo do olhar de Caeiro. No entanto, distinguem-nos importantes características: em primeiro lugar, ele tem também um olhar de adulto, pois se assemelha ao dos gregos; vai mesmo mais longe, porque representa «a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer»¹.

Em segundo lugar, embora a visão de Caeiro seja sempre identificada com a do «primeiro homem», «na aurora da humanidade», ela só surge ao fim de um longo processo histórico, após as civilizações grega, romana e judaico-cristã. A sua própria obra, escreve Reis, não resulta da elaboração consciente, ou da reflexão sobre as culturas passadas. «Ignorante da vida e quase ignorante das letras, quase sem convívio nem cultura, fez Caeiro a sua obra por um progresso imperceptível e profundo, como aquele que dirige, através das consciências inconscientes dos homens, o desenvolvimento lógico das civilizações.»²

1 Reis, in Fernando Pessoa, *Obra Poética e Prosa*, Tomo I, Lello & Irmãos, Porto, 1986, p. 734 (daqui em diante, OPP).

2 Idem.

A obra de Caeiro encontra-se com o olhar do primeiro homem, mas após a construção e a destruição das civilizações que se sucederam na Europa. Não houve que aprender e desaprender: ela é o resultado espontâneo de todo esse processo, reencontrando a visão da infância e a da aurora da humanidade como se todos os olhares adultos da história se tivessem nela naturalmente metabolizado — ou seja, aprendidos e desaprendidos. Daí o peso crítico dessa poesia³, o seu efeito revolucionário sobre os espíritos que dela se aproximam e por ela se deixam impregnar; daí o facto de Caeiro ser capaz de escutar e compreender as mais finas subtilidades do pensamento especulativo (embora seja radicalmente distante dele. Como se houvesse um pensamento infantil a ser usado — também — pelos adultos).

Para qualquer outro que não Caeiro, a aprendizagem da ciência do ver seria penosa e trabalhosa. Pois o princípio «é preciso simplesmente ver» mostra-se bem mais complexo depois de uma primeira abordagem. Ora, o leitor de Caeiro não pode aceder ao «ver» evitando a complexidade. Num certo sentido, ele tem que seguir o mesmo caminho da história que desembocou em Caeiro.

Perguntaremos então: «o que é ver, para Alberto Caeiro?», focalizando a nossa investigação em duas questões. A primeira pode ser assim enunciada: o que é o «objectivismo absoluto» de que Caeiro é o arauto? Em que sentido a sua visão do objecto pode ser considerada «objectiva» se ela não com-

3 «A obra de Caeiro tem, porém, e além disto, um efeito crítico. Estes versos da sensação directa, contraposta a sua alma aos nossos conceitos sem naturalidade, à nossa civilização mental, artificiosa, contabilizada em gavetas, rasga-nos todos os trapos que temos por fato, lava-nos a cara de química e o estômago dos farmacêuticos — entra pela nossa casa dentro e mostra-nos que uma mesa de madeira é madeira, madeira-madeira, e que mesa é uma alucinação necessária da nossa vontade industrial» («Notas para a recordação do meu mestre Caeiro», in *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. Teresa Sobral Cunha, Ed. Presença, 1994, p. 172; daqui em diante referido como PCAC).

porta qualquer determinação do saber científico? Ao mesmo tempo, só tenho acesso a essa objectividade se o meu olhar atingir a simplicidade e a clareza extremas, aquelas de que apenas eu sou capaz — em suma, se eu atingir uma espécie de subjectividade pura, despojada de qualquer determinação empírica, sentimental ou emocional. Eis portanto uma objectividade ao mesmo tempo não-objectiva (no sentido de não-científica) e não-subjectiva (no sentido de um eu empírico): como entender essa dupla não-determinação paradoxal que se aloja no próprio núcleo de uma relação com o objecto (ver)?

Questão que supõe uma outra: o que é esse objecto que a visão nos desvela na sua singularidade absoluta? Não é somente um objecto pensado ou sentido ou vivido; e no entanto, nem o pensamento nem a sensação se encontram ausentes da sua visão. Se assim fosse, ele não seria nem mesmo percebido. Que transformações o pensamento e a sensação devem sofrer para que a percepção apreenda um objecto absolutamente singular e no entanto objectivo? O problema torna-se ainda mais complicado, quando abordado por outro ângulo: o que é esse real absoluto que, como indicam claramente os *Poemas Inconjuntos*, escapa de certo modo ao visível, exactamente no momento em que é visto? O que é essa singularidade fora do tempo que não é no entanto ideal?

Questões difíceis e nebulosas que suporiam, em qualquer outro que não Caeiro, algo de fundamentalmente obscuro, pois os pólos opostos, o subjectivo e o objectivo, o singular e o universal, parecem estar ao mesmo tempo presentes e ausentes da sua visão do objecto.

Há um texto, no *Livro do Desassossego*, que pode ajudar a responder a essas questões. Trata-se do célebre fragmento onde se encontra a expressão «ver o policia como Deus o vê». Nele, Bernardo Soares opõe a visão da Realidade abso-